



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva à visita às obras da Vila do PAN e ao lançamento do Programa Segundo Tempo**

**Rio de Janeiro-RJ, 24 de março de 2006**

Meus queridos companheiros trabalhadores da Vila Pan-Americana,  
Já viraram companheiros, porque toda semana estão lá na porta do Torto,

Nossos queridos companheiros “mata-mosquitos”,

Queridos e queridas crianças do Rio de Janeiro,

Meu caro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte,

Meu caro Furlan, ministro do Desenvolvimento e Comércio Exterior,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Deputados Antonio Carlos Biscaia, Alexandre Cardoso, Jorge Bittar, Júlio Lopes, Luiz Sérgio Simão Sessin,

Meu caro Paulo Sérgio de Oliveira, secretário-executivo do Ministério dos Transportes,

Deputados estaduais,

Prefeito Artur Messias, de Mesquita; Lindberg, de Nova Iguaçu; Godofredo, de Niterói; Aparecida Panisset, de São Gonçalo,

Meu caro companheiro Nuzman. Eu digo companheiro porque o Nuzman está nessa vida há muitos anos e eu nem o conhecia, a não ser da televisão, e eu duvido que em toda a trajetória dele, cuidando de esporte, ele tenha sido recebido tantas vezes por um presidente da República como foi recebido por mim, nesses 30 meses de governo.

Meu querido Rubem César, presidente da Organização Não-Governamental Viva Rio. Quero aproveitar e, de público, te dar os parabéns



pelo trabalho extraordinário que a ONG tem feito pelo bem do Rio de Janeiro e como exemplo para o Brasil.

Meu querido José Domingos Vargas, superintendente institucional da Caixa Econômica Federal,

Meu caro Sérgio Goldberg, presidente da Agenco, a empresa que está fazendo a Vila Pan-Americana,

Meus queridos companheiros jornalistas,

Homens, mulheres do meu Brasil,

Aqui está a nossa companheira Benedita da Silva,

Está o nosso companheiro Orlando, do Ministério,

Está o nosso companheiro Vivaldo Barbosa,

Está o nosso companheiro, que eu não estou vendo aqui... Francisco Dorneles, não está aqui,

Eu já falei do Artur Messias.

Tem um companheiro aqui que vocês precisam conhecer. É um cidadão, como dizem vocês, um cara chamado Bernard, que está aqui – levanta aí, Bernard. Este cara, possivelmente vocês, sobretudo as crianças, não tenham noção do que ele representou para o esporte do Brasil. Inclusive, errava muito, mas ele tinha um saque chamado “jornada nas estrelas”, que ficou conhecido mundialmente. De vez em quando a bola era tão alta que não dava certo. Mas, de qualquer forma, aquele menino de 1984 ganhou medalha de prata em Los Angeles, depois foram vice-campeões mundiais. E foi a partir da geração dele... Eu me lembro do Nuzman num programa de televisão dizendo que foi exatamente a partir da preparação da meninada que foi para a Olimpíada de Los Angeles, que o Brasil resolveu profissionalizar de verdade o treinamento, o tratamento e a relação com os jogadores de vôlei do Brasil. Por isso, hoje o Brasil é quase imbatível na modalidade vôlei, e eu espero que a gente ganhe



aqui, no Pan-Americano, outra vez, o vôlei. Meus parabéns por estar presente aqui, Bernard.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que nós estamos aqui, hoje, para dois assuntos básicos. Um deles é porque eu estive aqui em agosto do ano passado visitando o terreno em que ia ser construída a Vila Olímpica. Subi ali naquela torre para dar uma olhada no terreno. E, passados alguns meses, eu volto aqui e percebo que praticamente 60% das coisas já estão prontas. E o que é mais importante é que esses apartamentos vão ser vendidos depois que terminarem os Jogos Pan-Americanos. Já foram vendidos, até agora, 96% dos apartamentos, portanto a Caixa Econômica não pode chorar, pode fazer novos financiamentos, porque quando a construção é de qualidade – e esta é de qualidade –, as pessoas se interessam em comprar mais rapidamente. Por isso eu quero parabenizar a agência que está construindo esta obra. Essa é a primeira coisa.

Depois, quero dizer para vocês que os Jogos Pan-Americanos no Brasil são tão importantes, que a gente não pode ficar brincando de quem é responsável por isso ou por aquilo. Quando se começou a discutir a questão das obras da Vila Olímpica e de todo o complexo esportivo para fazer os Jogos Pan-Americanos, a responsabilidade do governo federal era, então, de 17%. Hoje, meu caro Nuzman, os 17% já chegaram a 50%. Portanto, da parte do governo federal, nós já estamos comprometidos com mais de um bilhão de reais para proporcionar os Jogos Pan-Americanos no Brasil. E por que estamos fazendo isso? Porque a gente aprende, desde pequeno, que cachorro de muito dono morre de fome, porque todo mundo pensa que deu comida e termina não dando comida.

Esta Vila... os Jogos Pan-Americanos são da responsabilidade do governo federal, da prefeitura do Rio de Janeiro e do governo do estado. Eu disse ao Nuzman, disse ao Ministro do Esporte: a gente precisa ter uma programação, um cronograma do que vai acontecer a cada mês, a cada dia,



para que a gente possa acompanhar, e não permitir que chegue próximo do Pan e a gente tenha que correr, fazer coisas mal-feitas, de forma atabalhoada, para que a gente possa fazer o Pan.

Quero dizer a você, Nuzman, e a todos os envolvidos nos Jogos Pan-Americanos, que na minha cabeça os Jogos Pan-Americanos no Brasil são um cartão de visita para algumas coisas que nós sonhamos em trazer para o Brasil. O Brasil precisa trazer para cá, outra vez, uma Copa do Mundo, e o Brasil precisa trazer para cá, pela primeira vez, uma Olimpíada, porque até agora só os países ricos é que conseguiram, os países pobres não conseguiram. Eles, talvez, não acreditem muito em nós, mas quando vierem aqui, virem a qualidade do resultado do trabalho dos operários brasileiros, o sorriso das nossas crianças e o carinho com que o povo brasileiro vai tratar todos que vierem aqui, eles vão dizer: nós precisaremos inventar uma outra desculpa para não levar uma Olimpíada para o Brasil, porque tem qualidade, tem esporte e tem competência para realizar uma Olimpíada aqui.

E por que nós queremos um dia trazer uma Olimpíada para o Brasil? Porque uma Olimpíada muda a cara da cidade, muda a cara do estado, porque é muito investimento do Comitê Internacional e muito investimento do próprio governo do país. E uma Copa do Mundo, porque não é possível? A Alemanha já vai ter três agora, o México teve duas, e nós já cansamos de ganhar fora, queremos ganhar uma aqui, porque perdemos a de 50. Queremos ganhar uma aqui. Nós estamos cansados de ganhar no terreiro dos outros. Agora precisamos ganhar uma aqui, porque quando teve aqui, em 50, vocês não tinham nem pensado em nascer, os pais de vocês não tinham nascido ainda.

A gente fez a Copa do Mundo aqui, a maior festa, uma alegria, o Brasil era imbatível. Todo mundo achava que o Brasil ia ganhar de 4 a 0, 5 a 0 do Uruguai. Tínhamos batido a Espanha de sete ou de cinco. Então, era aquele negócio do “já ganhou”: “já ganhamos, está no papo”, as pessoas já tinham bebido, no sábado, o que deviam beber no domingo à noite. Conclusão:



entramos em campo com a mania do “já ganhou, está tudo resolvido”, e o Uruguai... E ainda fizemos 1 a 0. Quando fizemos 1 a 0, então: “Ah, já ganhamos, agora estraçalhamos.” Aí os uruguaios vieram, fizeram dois gols em nós e perdemos a Copa do Mundo. Foi, certamente, o dia mais triste que este país viveu na área do esporte.

Então, nós queremos fazer e é por isso. Essa é a segunda razão pela qual eu estou aqui, porque nós estamos hoje com o Viva Rio, numa parceria com o Ministério do Esporte, anunciado o programa Segundo Tempo, a inclusão de 50 mil crianças, no Rio de Janeiro, crianças e adolescentes para, se estiverem estudando de manhã, praticarem esporte à tarde; se estiverem na escola à tarde, praticarem esporte de manhã, porque nós precisamos ocupar o tempo da criança com coisa sadia e não tem nada mais sadio do que fazer esporte. Essas crianças vão treinar, vão aprender algumas atividades esportivas e, quando chegarem em casa, estarão tão cansadas que não vão ter tempo de fazer arte, vão dormir que nem uns anjos para, no dia seguinte, acordarem com disposição de ir para a escola.

Tem duas coisas no mundo que podem encaminhar as pessoas para o bom caminho: uma delas é a educação e a outra é o esporte, duas coisas sagradas. Se a pessoa estiver estudando, a gente tem a certeza de que essa pessoa está com o seu futuro mais ou menos garantido. E nós, que somos pais, e eu tenho cinco, sabemos que não tem legado, não tem herança mais importante para um pai deixar para o filho que a formação profissional do seu filho, que o seu filho vire doutor, tire um diploma universitário e possa garantir o seu direito de trabalhar para o resto da vida. Essa é uma coisa sagrada.

E é por isso, meu caro Nuzman, e é por isso meus companheiros, que eu, toda vez, reconheço que nós devemos à engenharia do ministro da Educação, Tarso Genro, e do ministro da Educação, Fernando Haddad, porque com esses dois homens, de janeiro do ano passado até fevereiro agora, nós já conseguimos colocar na universidade brasileira privada, com bolsa de estudo...



numa engenharia de que o nosso compromisso é fazer uma isenção de imposto para a empresa, e o equivalente ao imposto a escola nos dá, em bolsa de estudo, e nós damos a bolsa de estudo para jovens da periferia, jovens que estudaram em escola pública. Até agora, já temos 203 mil jovens na universidade. E vamos chegar, até junho, a 243 mil jovens, meninas e meninos. E desses, o que é importante, 38% são meninas e meninos negros que antes eram marginalizados e não entravam em universidade neste país.

Da mesma forma, meus companheiros, que nós estamos recuperando o papel do Estado brasileiro, estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos fazendo 42 extensões universitárias, levando as universidades das capitais para o interior do país, porque não é o aluno que tem que correr atrás da universidade, gente do Piauí vir estudar no Rio de Janeiro. O que nós queremos é que o interior do Brasil tenha também o direito de ter universidades brasileiras. Por isso estamos fazendo 42 extensões universitárias, inclusive aqui, uma na cidade deste moço, o Lindberg, e outra em Volta Redonda, que não tinha e agora já tem. Estamos fazendo uma escola técnica lá em São Gonçalo, uma cidade que tem um milhão e 300 mil habitantes e que não tinha uma escola profissional para formar os nossos filhos. Este país não podia dar certo, porque você tinha o cidadão que podia ser engenheiro e o cidadão que ficava faxineiro, não tinha o ensino médio. Então, nós estamos assumindo para nós, outra vez, a responsabilidade.

Está no Senado, para ser votado, o Fundeb, Fundo Nacional de Educação Básica. Vão ser mais quatro bilhões e 300 milhões na educação, neste país, para a gente poder garantir o ensino fundamental de qualidade. Aumentamos de oito para nove anos a permanência das crianças na escola, porque no Brasil era assim, meu caro Nuzman, uma parte da sociedade, que podia pagar, colocava a criança numa pré-escola com seis anos de idade. A outra parte da sociedade, que não podia pagar, colocava o seu filho na escola



aos sete anos de idade. Acontece que essa criança de sete anos, que não tinha feito nada na escola, iria encontrar na sua sala uma criança que já tinha feito um ano. Obviamente que essa criança já tinha tido contato com as letras, com os números, com os cadernos, com os livros então, essa criança sempre estaria mais adiantada do que aquela que nunca tinha ido à escola e entrou com sete anos. O que nós fizemos? Agora, as crianças vão entrar na escola com seis anos de idade, todos juntos, para que elas possam aprender, porque não tem criança burra, tem criança que não tem oportunidade de provar a sua inteligência.

Se toda criança tomar café de manhã, almoçar, jantar, chegar numa sala de aula e tiver um professor preocupado com a formação dela... e não é aquela formação de entrar, dar aula e ir embora, não. É dar a aula e depois fazer uma aferição para saber se a criança aprendeu. Qual é o problema nosso? É que outra vez nós temos criança na escola, que chega em casa, o pai tem uma formação, a mãe tem uma formação, a criança chega com a tarefa de casa e o pai, que tem um curso superior ou ensino médio, vai ajudar o filho a fazer a tarefa de casa porque ele sabe. Mas a criança cujo o pai não sabe, porque é semi-analfabeto, essa criança vai ficar sempre mais atrasada. Por isso nós queremos, não apenas melhorar a condição de ensino, mas melhorar, também, a condição dos educadores brasileiros, porque ser professor é uma profissão nobre.

Houve um tempo, aqui, no Brasil, que o Nelson Gonçalves cantava uma música chamada “A Normalista”; houve um tempo em que Ataulfo Alves cantava uma música, “A Professorinha”, porque ser professora e professor era uma coisa nobre. O que aconteceu? A profissão de professor foi se deteriorando, se deteriorando, e hoje você tem professor, na escola pública, ganhando 300, 400 ou 500 reais por mês. Você tem professor titular, top de linha na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ganhando 5.500 reais. E você tem professor, em tempo integral na universidade, ganhando 2.500 reais. Ora,



por que isso aconteceu durante décadas e décadas? Porque permeava a cabeça dos dirigentes deste país que colocar dinheiro na educação era gasto. E nós mudamos. No meu governo, é proibido utilizar a palavra gasto para educação. A gente precisa saber que não tem investimento que dê retorno ao país como o investimento em educação, porque nós estamos produzindo conhecimento, produzindo inteligência, isso significa valor agregado para este país. E nós seremos muito mais ricos, ao invés de exportarmos só soja ou minério de ferro, se a gente estiver exportando a inteligência do povo brasileiro. E, para isso, a escola tem que ser de muito boa qualidade.

Os pais vão perceber que essa combinação do Segundo Tempo com a educação vai mudar a vida das crianças, porque elas vão chegar no dia seguinte com muito mais vontade de estudar, porque elas vão perceber que vai melhorar a saúde delas, vão ter que ter uma alimentação mais adequada. E essas crianças vão estar muito mais motivadas a estudar.

Então, meu companheiro Agnelo, meu companheiro representante do nosso Viva Rio, eu queria dizer o seguinte: quando a gente começa um projeto desses, a gente, muitas vezes, não tem dimensão do que ele pode desencadear em nível de motivação de outras pessoas. Eu tenho dito para o Agnelo que a gente precisa trabalhar cada vez mais para que os clubes que estão fechados por aí, empresas que têm campo de futebol, empresas que têm piscina que não é utilizada porque não abrem para essas crianças terem lugar para brincar, para praticar esporte... Se a gente fizer isso, podem ficar certos que os “falcões” irão desaparecer do Brasil, não morrendo, mas tendo esperança outra vez e voltando a se transformar em crianças recuperáveis para a sociedade brasileira. Embora tenha aparecido violência, aquilo que a Globo mostrou no domingo passado, a verdade é que o que a gente mais ouvia da boca das crianças é que elas estavam precisando de carinho, estavam precisando de oportunidade.





Por isso, eu quero dizer, meu caro Agnelo, estou esquecendo de falar o que você queria que eu falasse, de propósito. Mas eu quero que você saiba, companheiro Agnelo – ele quer ser candidato, Nuzman, se dependesse de mim não seria, mas ele quer, desobediente, quer ser, paciência, o PCdoB está impondo a ele, mas eu sou contra, eu acho que ele deveria ficar. Eu estou falando de público, porque já falei para ele muitas vezes, pessoalmente. E vou dizer o porquê: Bernard já foi secretário de Esporte, Pelé já foi, Zico já foi. Este companheiro é magrinho desse jeito, não é esportista não, é médico. Agora, eu duvido que o Brasil tenha tido, em algum momento da sua história, alguém com a sensibilidade para o esporte em geral como o companheiro Agnelo tem, e parceiro de todas as atividades. Duvido, porque além de tudo, ele é um político muito hábil. Eu, toda vez que ligo a televisão para ver uma coisa, quando eu vejo está o Agnelo sentado lá, não perde uma. É de graça, ele está entrando.

Mas ele também tem brigado, ele também tem pedido, tem insistido para a gente criar uma coisa. Veja, vocês percebem que o Brasil já não é mais o país do futebol. E por quê? Porque antigamente você olhava os times do Rio de Janeiro e você via o Vasco com um time que dava uma seleção; você via o Botafogo com Garrincha, Didi, Paulinho, Amarildo, Zagalo; você via o Flamengo com Zico. Cada time aqui... o Fluminense, teve um tempo que fazia rodízio de jogador, até o Rivelino ele conseguiu trazer para jogar aqui, no Fluminense, num tempo áureo. Em São Paulo era a mesma coisa, em Minas Gerais era a mesma coisa.

Hoje, os times brasileiros não conseguem mais segurar um jogador aqui, porque quando o menino faz 17, 18 anos, e marca dois gols, já vem um time lá de fora, pega aquela criança e leva embora. Ele vai embora. Veja o Ronaldinho, o Ronaldinho quase vai embora de graça. Hoje, na Bolsa, está valendo 180 milhões de reais. Quanto está valendo o Kaká, o Robinho, todos aqueles que estão lá? Por isso eu disse que o Brasil é o país celeiro do futebol, é a maior fábrica de produção de atletas de futebol do mundo. Mas, quando



eles ficam com bigode, no futebol, alguém vem e leva os jogadores embora e nós, se quisermos vê-los jogar, ou temos que vê-los quando a Seleção Brasileira convoca, ou temos que assisti-lo na televisão, em canais que transmitem jogo da Espanha, da Itália, da Alemanha e assim por diante.

É por isso que este companheiro tem insistindo para a gente criar uma coisa chamada Lei de Incentivo ao Esporte. Sabem o que acontece? Os times estão todos falidos, quase todos devem à Previdência Social, quase todos devem. Agora vejam, ninguém é louco de fechar um Flamengo, um Botafogo, um Vasco, um Fluminense, ninguém é louco. Ou fechar um Corinthians, um Palmeiras, um São Paulo. Sabem por quê? Porque já não são mais times de futebol, isso já faz parte da cultura do Brasil. A gente não imagina o Brasil sem o futebol, a gente não imagina o Rio de Janeiro sem as pelejas de Flamengo e Vasco, Botafogo e Fluminense.

Hoje eles estão fraquinhos, os times pequenos estão batendo em todos eles, mas já foram muito fortes. Está todo mundo quebrado, e as empresas privadas, também, não incentivam jogador que não é famoso. As empresas são mais espertas, ou seja, elas só vão incentivar e só vão garantir financiamento para o atleta que já volta da Seleção Brasileira, porque quando ele é bagrinho, ninguém aposta em bagrinho.

Então, o que nós temos que fazer? E eu estou com o compromisso de fazer isso antes do Agnelo deixar o Ministério. É mandar para o Congresso Nacional um projeto de lei para que um clube possa fazer parceria com uma empresa, e a empresa possa investir dinheiro no clube. Nós poderemos colocar um limite para que não tenha picaretagem, poderemos colocar um limite de uma empresa financiar um clube e, depois, isso ser descontado quando a empresa tiver que pagar Imposto de Renda.

A gente pode ajudar a salvar o esporte neste país, a gente pode facilitar o esporte amador, a gente pode ajudar todas as camadas. E tudo isso passa por acreditar que esporte não é só competição, não é só Olimpíada. Esporte é,



sobretudo, a gente cuidar da cabeça e do corpo humano, e nada é mais eficaz que o esporte.

É por isso que eu vim hoje, aqui, para dar os parabéns aos companheiros da ONG Viva Rio, ao ministro Agnelo, visitar a nossa extraordinária Vila Olímpica, visitar as nossas crianças que estão com essa camiseta bonita do Segundo Tempo e visitar os nossos trabalhadores, os nossos mata-mosquitos, as nossas mulheres, os nossos homens e dizer para vocês: podem ficar certos que eu continuo acreditando que não está longe o dia em que o Brasil não terá mais criança vivendo na marginalidade. Na hora em que prefeitos, governadores e presidente da República, na hora em que deputados e senadores, e na hora em que toda a sociedade brasileira, todos nós amadurecermos, criarmos juízo e definirmos na nossa cabeça que o dinheiro que a gente gasta numa escola hoje, é muito pouco, diante do que a gente pode gastar numa cadeia amanhã, se a gente não investir na educação, enquanto é tempo de investir, na oportunidade de trabalho.

Portanto, vamos ver, meus companheiros, quanto é que custa uma criança dessas na escola e vamos ver quanto é que custa uma criança presa. Vamos ver quanto custa um prisioneiro no Rio de Janeiro. Deve custar, por mês, o que valem dez crianças na escola. Então, ao invés de a gente cuidar de uma pessoa depois que virou bandido, vamos cuidar das nossas crianças enquanto nós temos oportunidade de salvá-las.

Muito obrigado, gente, que Deus abençoe todos vocês e meus parabéns pelo trabalho do Pan-Americano.